



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 25

O que há num nome

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

ATO1

Ângela Paes: Meu nome é Ângela Paes, tenho 52 anos, sou professora de estatística.

Branca Vianna: A Ângela Paes é uma ouvinte do Rádio Novelo Apresenta que procurou a gente com um problema. Ou uma história. Ou uma história que talvez fosse um problema. O título do email dela era: "Isso é normal?"

Ângela Paes: Bom, eu tenho um grupo de amigas. Ele se formou em 2018, na época das eleições.

Branca Vianna: O grupo era pra falar de política. Mas ele seguiu o caminho de vida de tantos outros grupos temáticos e acabou desviando do foco.

Ângela Paes: Mas a gente acabou falando de muitas outras coisas. E aí a gente compartilha dicas, né. E uma vez uma amiga tinha comprado um aspirador robô, que tinha revolucionado a vida dela.

Branca Vianna: Ok, um monte de gente comprou aspirador robô na pandemia, eu também comprei. Isso não é um problema. Ou: não era esse o possível problema.

Ângela Paes: E nessa época mais de duas amigas compraram o mesmo aspirador, cada uma deu um nome, e a gente por algum tempo ficou, como que eu digo, interagindo com aquilo – “Ah, o meu chama tal”, “Ah, a minha hoje foi para tal lugar” –, então meio brincando, como se fosse um pet.

Branca Vianna: O nome do aspirador da Ângela era Rose, que nem a empregada robô do desenho dos Jetsons. A Ângela considerava que ela tinha uma boa relação com a Rose.

Ângela Paes: Às vezes eu falo aqui em casa, eu falo assim: “Ó, não deixa nada no meio do caminho, que a Rose vai trabalhar hoje”. Quando chega, falo assim: “A Rose trabalhou o dia inteiro, faz o favor de não sujar”. Eu dou bronca. Eu falo: “Rose, aqui não!”, “Não é pra cá, é para aquele lado tal”. “Aqui não pode, é pra ficar no quarto!” Eu converso com a Rose.

Branca Vianna: Ela tem o controle remoto pra você poder dizer que não.

Ângela Paes: Não, é de pobre. A gente comprou a mais barata que tinha. Converso com a Rose até hoje, a gente fala até de direitos trabalhistas, e uma vez lá ela ficou toda com a tampa toda riscadinha, porque ela se meteu num lugar e não conseguia sair e a gente brincava que ela ia me processar e tudo mais.

Branca Vianna: A gente sabe que direito trabalhista não é brincadeira. Brincadeira era tratar a Rose – o robô – como uma pessoa. Só que um dia a brincadeira ficou séria.

Ângela Paes: E eu deixava nessa, saía para trabalhar e deixava ela trabalhando. E quando eu cheguei ela estava dentro do banheiro, até aí tudo bem, tirei do banheiro e tal, quando eu olhei no chão eu vi uns pedacinhos assim, pretinhos, eram uns pedacinhos de borracha.

Branca Vianna: Foi só bater o olho nos pedacinhos de borracha, e a Ângela entendeu o que tinha acontecido: a Rose tinha ficado presa tentando sair do banheiro. Ela esbarrou tanto e tantas vezes na soleira, que ela acabou se danificando. E até aí, normal, né? O problema era o que esse "acidente de

trabalho" significava nessa relação que a Ângela vinha construindo com a Rose. O que fez a Ângela escrever pra gente com a pergunta "Isso é normal?" foi o que ela sentiu naquela hora:

Ângela Paes: Eu estava ali no banheiro, vi aqueles pedacinhos de borracha, me dei conta que era a Rose tentando sair do banheiro, tentando pular o degrauzinho, não conseguindo. E eu comecei a ficar angustiada com aquela situação. Só de imaginar a cena dela tentando sair do banheiro e não conseguir. E eu realmente fiquei... Foi uma sensação muito estranha, porque eu fiquei triste, eu fiquei angustiada. Quando me dei conta que eu estava angustiada por causa de um objeto, de um aspirador robô, eu falei: "Que história é essa?" Que loucura, né?

Branca Vianna: No e-mail que a Ângela mandou pra gente, ela se perguntava se ela estava virando que nem o personagem do Tom Hanks naquele filme Náufrago, que começa uma relação com o Wilson, a bola de vôlei. Mas depois que eu li a mensagem da Ângela, eu não tinha respostas. Só mais perguntas.

Branca Vianna: Mas me diz uma coisa: você tem outros eletrodomésticos, outros objetos da casa para quem você deu nome, ou foi só a Rose?

Ângela Paes: Não. Mas eu acho super comum, né?

Branca Vianna: O que é super comum?

Ângela Paes: Dar nome para os objetos.

Branca Vianna: Ah, é?

Branca Vianna: Acho que dá pra ouvir na minha voz que eu não estava tão convencida de que isso era super comum. A Ângela estava preocupada se o que ela tinha sentido pela Rose, o robô aspirador, era normal. Mas eu estava algumas casas atrás – tentando entender quando ficou normal dar nome para um eletrodoméstico.

Ângela Paes: Na verdade, foi até engraçado que uma vez veio uma faxineira aqui e aí a Rose estava no meio do caminho e ela toda cheia de

cuidados, ela fala assim: “Aí, eu vou tirar ela daqui, como é que ela chama? É Rose, né?”.

Branca Vianna: E a gente continuou o papo, eu tentando entender melhor os contornos dessa relação humano-robótica. Mas a Flora Thomson-DeVeaux, que estava acompanhando a conversa, começou a fazer jus ao título de diretora de pesquisa e começou a colher dados. E ela foi me escrevendo mensagens no chat.

Ângela Paes: O Tiago da Novelo disse que também tem o robô aspirador que tem nome. O dele é chamado Dwight.

Branca Vianna: Dwight, em homenagem ao personagem de The Office. Mas não parou por aí.

Branca Vianna: Mas eu vou ler para você. Olha só, ela disse assim: “Fiz um censo aqui no grupo da firma. A fritadeira da Gabi chama Eva, a máquina de lavar roupa da Ju chama Isabel e o aspirador robô dela chama Rubens, o robô da FêCris chama Caio, o da Julinha chama Joana. E o robô da Gabi também chama Joana”. Tem duas robôs chamadas Joana. Olha que engraçado! Aqui a gente tem também fritadeira e máquina de lavar roupa, mas a maioria é um robô. Então acho que é o fato da autonomia desse objeto, que faz com que todo mundo personalize.

Branca Vianna: Quando eu li o e-mail da Ângela pela primeira vez, eu pensei que essa relação dela com o robô parecia ser um efeito claro – embora inusitado – da pandemia. Mas o que se descortinou ali, no grupo de WhatsApp da Rádio Novelo, parecia a base para uma nova teoria da raça humana. Tem gente que dá nome pros objetos, e acha isso completamente normal, e quem não dá nome pros objetos, acha isso esquisitíssimo. No grupo da firma, por exemplo, a Évelin Argenta ficou revoltada, e fez uma premonição – ou rogou uma praga, não sei. Ela disse, pros batizadores: “Vocês todos vão acabar se apaixonando pela Siri”.

Branca Vianna: Você tem animais de estimação?

Ângela Paes: Na verdade, eu estou com uma petzinha nova aqui, uma cachorrinha que está aqui do meu lado, que por incrível que pareça. Eu não dei um nome para ela.

Branca Vianna: Ela não tem nome, sua cachorra?

Ângela Paes: Na verdade, assim, o meu marido quer um nome, a minha filha quer também. Eu acho que esse nome não tem nada a ver. Eles chamam de Harley, e eu acho que não tem nada a ver. Ela não tem cara de Harley.

Branca Vianna: Como já tem um tempinho essa entrevista, eu procurei a Ângela agora pra perguntar como tinha ficado o nome da cachorra. E a resposta foi que... não tinha ficado. O marido e a filha dela continuam chamando a cachorra de Harley. E a Ângela continua achando que esse nome não tinha nada a ver, e só chama ela de "Menina". Nessa confusão, a pet shop que ela frequenta, por conta própria, cadastrou no sistema a cachorra como "Paçoca". Na verdade, a ficha da pet shop tá assim: "Menina Paçoca Harley". Ninguém pode dizer que não é um nome original. A Ângela me disse que cada um chama a cachorra como quer. E ela responde sempre.

No episódio de hoje do Rádio Novelo Apresenta, a gente tem histórias sobre a importância dos nomes. O que acontece quando a gente dá nome pra alguma coisa, o que aquele nome significa ou, no caso dessa próxima história, o que que acontece quando a gente erra um nome. Quem conta essa é o Tiago Rogero.

ATO 2

Tiago Rogero: Sabe quando você descobre que passou uma parte considerável da vida cantando errado o trecho de uma música? Eu já passei por esse constrangimento umas trocentas vezes, mas uma que eu lembro bem foi com aquela "Não me deixe só", da Vanessa da Mata.

Vanessa da Mata: Não me deixe só / Eu tenho medo do escuro / Eu tenho medo do inseguro / Dos fantasmas da minha voz...

Tiago Rogero: Na minha cabeça, eu sempre cantei essa última parte como:

eu tenho medo do inseguro, dos fantasmas da minha avó, e não da minha voz. E, assim, em minha defesa: eu vejo muito filme de terror, então me pareceu fazer mais sentido que fosse o fantasma da avó dela e não da voz dela; E a outra coisa é que essa música é de 2002, né? O jovem Tiago ouvia no rádio, numa época pré-Spotify, e eu não tinha o CD. Então não dava pra voltar 10 segundos e ouvir de novo.

Bom, mas isso é quando a gente erra o trecho de uma música. Imagina descobrir que você passou a vida inteira errando o nome de alguém. Esta história é sobre um grupo enorme de pessoas, um país, que tá escrevendo e falando errado há décadas — e dá pra dizer até que há séculos — o nome de pelo menos duas personalidades históricas. É como se do nada os franceses descobrissem que o Napoleão, por exemplo, na verdade se chama Bapoleão ou, sei lá, Napoleôncio. Ou os egípcios descobrindo que o nome real da Cleópatra era Cléo Patrícia, separado. Cléo / Patrícia.

Silvia Hunold Lara: Por isso que eu posso dizer: um erro de transcrição.

Tiago Rogero: Quem vai contar a história desse erro que tá fazendo a gente falar e escrever errado há séculos aqui no Brasil o nome de duas personalidades históricas é a Silvia.

Silvia Hunold Lara: O meu nome é Silvia Hunold Lara, e eu sou historiadora. Eu trabalhei a minha vida profissional inteira estudando a história dos escravizados no Brasil. E foi um pouco por decorrência desses estudos que eu fui me aproximando aos poucos da história dos Palmares.

Tiago Rogero: Os quilombos dos Palmares. Talvez você tenha aprendido na escola sobre o quilombo de Palmares. Se foi esse o caso, a primeira marcação importante a fazer aqui é que eram os quilombos. Vários deles. E entre eles havia vários enormes: pra você ter uma ideia, um só desses quilombos, que também eram chamados de mocambos, chegou a reunir mais de duas mil casas. Era muita gente. E é também por isso que a Silvia descreve Palmares como o mais importante movimento de resistência à escravidão da História do Brasil.

Silvia Hunold Lara: Palmares é o mais longo, é o mais duradouro assentamento de gente fugida. Gerações viveram nos matos nessa organização, nas matas de Pernambuco. Pernambuco não é o estado de Pernambuco que a gente conhece hoje. Pernambuco era um conjunto de capitanias que ia mais ou menos de Alagoas até o Rio Grande do Norte.

Tiago Rogero: Milhares de pessoas que fugiram da condição de escravidão pra viverem livres. Com organização militar e política. Praticamente um estado africano dentro do Brasil. E que era tratado dessa forma até pelas autoridades portuguesas. Tanto que o líder de um desses quilombos...

Silvia Hunold Lara: Chegou a ser reconhecido como uma autoridade com a qual se pode, o governo de Pernambuco pode negociar a paz e tudo isso.

Tiago Rogero: A gente vai falar sobre isso mais adiante. Por enquanto, eu queria focar na longevidade dos Palmares. Esses quilombos duraram décadas. Praticamente um século inteiro. Os primeiros registros são do começo do século XVII, ali os anos 1600, e a resistência durou até 1700. E, apesar de todos os esforços de Portugal e depois do Brasil independente pra tentar apagar isso do imaginário, pra que algo assim não se repetisse, Palmares foi lembrada nos séculos seguintes.

Silvia Hunold Lara: Você pode ter movimentos muito importantes e a história da escravidão durante todo o tempo foi recheada de resistências, mas eu acho que Palmares ocupa um lugar de destaque e não é à toa que ele é uma referência importante. E uma das instituições importantes criadas depois da Constituição de 88 é a Fundação Palmares. O próprio nome já diz muito sobre os seus objetivos, em termos de defesa de direitos, de igualdade social e tudo

isso; não é à toa que ela foi alvo de políticas deletérias destrutivas nos últimos quatro anos.

Tiago Rogero: E uma coisa interessante sobre Palmares é que, por mais que em geral não se fale muito sobre a resistência negra no período da escravidão no Brasil, de Palmares até que se fala. Não tanto quanto deveria, mas até que se fala. E isso porque Palmares já foi tema de muito estudo, até porque mesmo uma historiografia majoritariamente branca e masculina não conseguiria ignorar uma coisa tão grandiosa. E uma boa parte de toda essa produção sobre Palmares tem como base um documento em especial. O nome é comprido: "Relação das Guerras Feitas aos Palmares de Pernambuco no Tempo do Governador Dom Pedro de Almeida de 1675 a 1678". É nesse documento que estão os nomes de alguns líderes de Palmares, como o próprio Zumbi, mas também Ganga Zumba e a mãe do Ganga Zumba, a Acotirene. O nome dela também aparece como Aqualtune.

Silvia Hunold Lara: É um documento, na verdade, muito conhecido, porque todo mundo cita a partir da publicação que foi feita dele no século XIX, mais precisamente em 1859, na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que era a grande revista que cuidava da história nacional. Então, um diplomata brasileiro que estava em Portugal encomendou a transcrição. Aquilo foi publicado e todos os historiadores, a partir dessa publicação, então, na metade do século XIX, passaram a indicar esse documento.

Tiago Rogero: E aí aconteceu uma coisa na vida da Sílvia. Enquanto ela estava pesquisando sobre Palmares, ela acabou encontrando um outro documento bem parecido com esse que saiu em 1859. Era parecido, mas ao mesmo tempo diferente. Ele tratava do mesmo assunto, não mudava o sentido geral do texto, mas algumas coisas eram diferentes. E ela ficou encucada com isso.

Silvia Hunold Lara: Essa outra publicação, as pessoas achavam até que era uma segunda versão, não se sabia direito. Então eu achei que era importante localizar os originais.

Tiago Rogero: Daí a Silvia começou a procurar pelos originais desses dois documentos, dessas duas transcrições. Se alguém transcreveu, transcreveu de algum outro papel, né? Mas cadê esse papel?

Silvia Hunold Lara: Consultar o original era uma necessidade.

Tiago Rogero: A Sílvia passou muito tempo entrando e saindo de arquivo, procurando esses originais. Foram anos. Ela começou pelo Brasil, mas depois teve que cruzar o Atlântico.

Silvia Hunold Lara: E eu passei muito tempo com a ajuda dos técnicos da Torre do Tombo.

Tiago Rogero: O Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa.

Silvia Hunold Lara: E eu consegui, depois de muito tempo, localizar o manuscrito lá na Torre do Tombo.

Tiago Rogero: E foi na Torre do Tombo que a Silvia encontrou o manuscrito original que gerou aquela publicação de 1859 na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. E foi na Biblioteca Pública de Évora, também em Portugal, que ela encontrou o outro manuscrito original daquele outro documento que ela tinha encontrado, e que era parecido, mas diferente. E aí ela comparou os dois manuscritos.

Silvia Hunold Lara: Na verdade, são duas versões de um mesmo documento.

Tiago Rogero: Eram dois manuscritos do século XVII — ou seja, do período em que tudo aconteceu nos Palmares; e eles pareciam ter a letra da mesma

peessoa. A Silvia acabou descobrindo que as diferenças entre eles é porque eles eram duas etapas de um mesmo processo de escrita. Aqui na Rádio Novelo a gente faz muito isso. Todo roteiro tem uma versão 1, versão 2, enfim. O que tá em Évora é a primeira versão; e a versão final é a que tá na Torre do Tombo. Mas isso não resolve o mistério, porque essa descoberta dos originais acabou levando a outra, bem mais surpreendente.

Silvia Hunold Lara: E aí eu comecei a ver essas diferenças entre eles, e a filologia é fundamental pra isso.

Tiago Rogero: Filologia.

Phablo Fachin: Isso implica estudar a língua, estudar os textos, estudar as pessoas que escreviam e deixaram textos ao longo da História. E é também conhecer um pouco da sociedade. Então, muito do que a gente vê nos textos e na língua tem a ver com quem falava, escrevia e se comunicava em língua portuguesa.

Tiago Rogero: Este é o Phablo Fachin.

Phablo Fachin: Eu sou professor do curso de Letras da USP e eu trabalho na área de Filologia e Língua Portuguesa. O filólogo trabalha pra entender um pouco da história dos textos. Pra ter uma noção mais singela disso, significa dizer o seguinte: nenhum texto é neutro, nenhum texto é escrito de forma gratuita. Ele é escrito com uma finalidade e depois ele passa a ser utilizado com uma outra finalidade, e daqui a pouco ele tá no arquivo, tá na biblioteca. E o filólogo tenta percorrer todo esse caminho que os textos fazem ao longo da História. Daí que a filologia tem um diálogo muito forte com outras ciências que também trabalham com o texto e olham o texto pra entender um pouco do passado. Como é a História. Então, o filólogo e o historiador naturalmente dialogam.

Tiago Rogero: Dialogam tanto que o Phablo e a Silvia Hunold Lara continuaram trabalhando juntos na análise daqueles manuscritos. Especialmente na comparação com a transcrição que ficou famosa.

Silvia Hunold Lara: O que chamou atenção, em primeiro lugar, comparando aquilo que se tornou conhecido como os nomes das lideranças dos Palmares.

Tiago Rogero: Os nomes dos líderes de Palmares. Zumbi. Ganga Zumba. Acotirene.

Silvia Hunold Lara: Então, esses nomes são centro-africanos. A maior parte da população nesse período e em Pernambuco é originária da África Central, mais especificamente do interior, à volta de Luanda. É de lá que as pessoas, por guerras e vários outros mecanismos de pagamentos de tributos e apreensão e compra nas feiras locais, são escravizadas e jogadas pro tráfico atlântico e transportadas compulsoriamente para se tornarem escravos nas lavouras e currais e casas senhoriais em Pernambuco.

Tiago Rogero: Então os quilombos dos Palmares eram formados majoritariamente por pessoas da África Central.

Silvia Hunold Lara: Então a gente tem, digamos assim, base demográfica pra supor que são falantes do quimbundo ou de uma língua próxima do quimbundo.

Tiago Rogero: Daí as forças coloniais, que eram ou portuguesas ou descendentes de portuguesas e falantes do português, ouviam as palavras e nomes em quimbundo e escreviam em português.

Silvia Hunold Lara: Então se passa do oral pra o escrito. E quem transcreveu a documentação no século XIX mais longe ainda estava. Então a possibilidade de erros é muito grande. Mas se a gente tem o original, a gente tem nesse caso um alguém que escreveu, que ouviu de

soldados e, provavelmente, tá mais perto do universo oral dos habitantes dos mocambos.

Tiago Rogero: A Silvia e o Phablo levaram tudo isso em conta na hora de analisar os manuscritos.

Silvia Hunold Lara: Então, quando a gente lê o documento no seu original e de certa maneira consegue iluminar com o conhecimento da literatura africanista, né, dos estudos mais recentes sobre a cultura política centro-africana, os indícios que estão na documentação, a gente consegue descobrir coisas novas sobre Palmares. E se dá conta de que aquilo que foi publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1859, tinha um erro de transcrição.

Tiago Rogero: Está aqui o fim do mistério: o cara que, lá nos anos 1850, pegou o manuscrito pra transcrever, errou na hora de entender e copiar algumas palavras. E é essa transcrição, com erros, que tá sendo usada há décadas como uma das principais fontes sobre Palmares.

Silvia Hunold Lara: Aquele, provavelmente um copista português, que não entendia nada de Palmares, não entendia nada de quimbundo, mas que provavelmente ao ler 'Aca Inene', ele transcreveu como Acotirene ou Aqualtune.

Tiago Rogero: Esse é um dos erros. A mãe do Ganga Zumba não chamava Acotirene ou Aqualtune. E sim Aca Inene. Separado: Aca / Inene. Aqui de novo o Phablo Fachin, filólogo:

Phablo Fachin: A caligrafia nos mostrou que era muito fácil errar a leitura do documento. Então, por exemplo, o Aca Inene, o 'i' de Inene, se você pegar o manuscrito, facilmente um leitor ali com pouca experiência lê o 'i' como 't'. Se a gente lembrar do nosso processo de alfabetização, o traçado do 'i' e do 't' cursivo, daquele que a professora fazia, tem já uma semelhança, né? Um é mais na vertical, o outro é um pouco mais na horizontal. Mas há semelhanças.

Tiago Rogero: Depois entra lá no nosso site que dá pra ver fotos desses trechos dos manuscritos: radionovelo.com.br. Eu, que sou totalmente leigo, consigo entender a confusão lá do cara que fez a transcrição. Além da troca do "i" pelo "t", tem outra: a letra "r" minúscula, na cursiva, também fica muito parecida com a letra "n". Mas aí você pode estar pensando: tá, isso explica Aca Inene virar Acotirene. Mas e Aqualtune? Aliás, Aqualtune ainda passa uma impressão de ter alguma ligação com a água, né?

Bom, mas a confusão rolou porque, no manuscrito, ou seja: no documento original, tem uma parte lá em que o escrivão, em vez de escrever Aca, escreveu Aqua Inene. Com "q/u". Aqua. Daí o transcritor abraçou o caos, também confundiu "i" com "t" e — por que não? — confundiu também "ne" com "tu". E o Phablo ainda me explicou que tinha escrivão que gostava de adornar a escrita. Sabe? Fazer umas voltinhas, uns trens onde não precisa, só pra ficar bonito? Aí gerava ainda mais confusão.

Phablo Fachin: Então imagina o seguinte, Tiago: um manuscrito que não divide muito bem uma palavra da outra, porque, por exemplo, o escriba molhava a pena, ele não tirava a pena muitas vezes porque a tinta ainda estava lá. Então a palavra tinha terminado, mas ele continuava. Então, linearmente, já é complicado. Quando você olha na vertical, às vezes a letra de cima alcança a de baixo. E aí, pra piorar, às vezes a tinta do verso ela passa a mergulhar no recto. Então você não consegue identificar mais o que que é a frente, o que é verso. Então é possível explicar todos os equívocos de leitura.

Tiago Rogero: Bom, mas Aca Inene é um exemplo. Tem outro. O filho dela. O Ganga Zumba. Ganga Zumba até deu nome para um filme famoso do Cacá Diegues, em 1964. O grande Antônio Pitanga fez o papel principal. Mas a Silvia e o Phablo descobriram que, na verdade, o nome dele era Gana Zumba. Sem o "g". Gana / Zumba.

Silvia Hunold Lara: Uma coisa que é preciso observar é que, nesse período, o português não tem uma regra fixa de escrita, então nem nomes portugueses castiços, vamos chamar assim, são escritos sempre da mesma maneira.

Tiago Rogero: E até hoje é um pouquinho assim. Se alguém te fala que se chama Luiz, você sabe com certeza como escrever o nome dele? É com z ou com s? Tem acento agudo no "i" ou não tem? E Isabela? É com z ou s? Tem dois l's ou um só? E Tiago, meu Deus? Tá cheio de Thiago com TH por aí. E, por falar em TH, eu preciso abrir um parêntese aqui por causa da grafia do nome do Phablo Fachin, filólogo que a gente tá ouvindo. O "Pablo" dele é com "PH". Em algumas línguas o "PH" tem som de "F". No português de antigamente, por exemplo: "farmácia" era com PH. E eu precisava perguntar disso pra ele.

Tiago Rogero: Você fica pensando, tipo, se no futuro alguém na hora de ler Phablo Fachin pode achar que é Fablo Fachin, por exemplo?

Phablo Fachin: Olha, essa questão é muito boa, Tiago, porque hoje às vezes eu vou pra algum lugar e as pessoas me chamam de "Fablo", eu não falo que não é "Fablo", porque eu falo: "Olha, ela tá, ela tem conhecimento da língua". O culpado disso seria meu pai, que quando eu pergunto pra ele por que que ele colocou o "PH", ele fala que foi pra apenas pra dar um charme.

Tiago Rogero: Maneiríssimo. E é interessante porque, por exemplo, Thiago com "H", né? O meu é sem "H". Mas no português, eu acho que nunca deve ter tido um "TH" com som de "THE", que nem tem nos Estados Unidos. Ninguém me falaria THIago.

Phablo Fachin: Você sabia, Tiago, que na história da ortografia teve um período que se chamou pseudo-etimológico. As pessoas deixaram de conhecer o latim, mas não quiseram deixar de parecer que ainda conheciam o latim. E aí, lembrava: "Ah, tem consoante geminada, eu vou geminar tudo aqui, vou duplicar as consoantes, vou usar 'TH', vou usar 'PH'", e saía usando a torto e direita pra mostrar que sabia um pouco do latim. Então o século XVIII é cheio de escrita "TH" onde não

deveria ter por conta disso: as pessoas queriam parecer conhecedoras do latim e ficavam inventando umas, umas coisinhas lá.

Tiago Rogero: Maneiríssimo!

Tiago Rogero: Maneiríssimo. Mas vamos voltar pro século XVII.

Silvia Hunold Lara: Então, no mesmo documento, uma pessoa pode ser chamada de várias maneiras, ou a escrita do nome delas pode se dar de várias maneiras. Sabendo disso, a gente procura cruzar documentos — diferentes pessoas escrevendo aqueles nomes próprios em diferentes situações. E quanto mais perto a pessoa tá da oralidade, ou de depoimentos, ou ouviu o nome, e assim por diante, isso é importante. É diferente de um escrivão que tá lá em Lisboa, que nunca nem teve no Brasil. Então, cruzando isso, a gente-consegue determinar que Gana tem muito mais frequência do que Ganga nesse caso desses nomes.

Tiago Rogero: Ganga também aparece no manuscrito. Mas o que a Silvia e o Phablo concluíram, e também analisando outros documentos sobre Palmares, é que o sentido estava errado. Que, onde estava Ganga, deveria estar Gana.

Silvia Hunold Lara: Gana é um título, ele equivale a quase um título de tratamento — “Senhor”. Não quer dizer que não exista a palavra Ganga, que tem um significado importante, que é de religioso, né? Seria o equivalente. Tanto é que alguns traduzem como padre, sacerdote ou alguma coisa assim. Mas todas as indicações vão no sentido de Gana Zumba.

Tiago Rogero: Eles descobriram também a autoria dos manuscritos: um padre chamado Antônio da Silva. Ele nasceu na Bahia e foi vigário no Recife entre 1658 e 1697. E esses manuscritos que ele escreveu eram uma história dos vencedores. O padre era associado às forças coloniais. Em 1678, foi assinado um acordo de paz entre o governador de Pernambuco e o Gana Zumba.

O Gana Zumba até hoje carrega uma pecha muito negativa por isso, como se ele fosse um traidor por ter aceitado assinar o acordo de paz. Mas no caso do quilombo dele as forças coloniais tinham conseguido chegar com força, e era uma coisa meio de *assina ou morre todo mundo*. E como prova de que não tem colonizador bonzinho, e que acordo pra eles era piada, logo depois disso o governador deu ordem de matar o Gana Zumba, a Aca Inene e toda a família deles. Os demais súditos do Gana Zumba também foram mortos ou então re-escravizados.

O líder de um outro quilombo que também fazia parte dos Palmares, o Zumbi, nunca concordou com o tratado e ainda resistiu por quase 20 anos. Ah, claro, e faltou falar sobre o nome dele. Afinal, era Zumbi mesmo?

Silvia Hunold Lara: O Zumbi aparece de vários modos. Talvez de um lado Zambi e de um lado, Zumbi ou Zombi, com “O”, né? O “O” e o “U” oscilam muitas vezes, como Manuel, Manoel. Então isso oscila. Até Zomboi, com “I”, o “J”, às vezes com “Y”, porque são letras, o “I”, o “J” e o “Y” que indicam o som do “I” naquele período.

Tiago Rogero: Mas no fim das contas é Zumbi mesmo. Aliás, a Silvia e o Phablo escreveram juntos um livro sobre o documento, chama "Guerra contra Palmares: O manuscrito de 1678". Ah, e é importante falar aqui também que a ideia pra esta pauta surgiu de uma reportagem da Ana Paula Orlandi pra Revista Pesquisa Fapesp. Tem o link também lá no nosso site. Bom, mas agora beleza. A gente aprendeu que Ganga Zumba era Gana Zumba e que a mãe dele não era nem Acotirene nem Aqualtune, mas Aca Inene. E o que que a gente faz com isso? Sai mudando os nome tudo? E o tanto de coletivo de mulheres negras, por exemplo, que chama Acotirene ou Aqualtune? E as pessoas que foram batizadas assim?

Silvia Hunold Lara: Eu acho que esses nomes todos, eles são nomes que têm uma existência histórica. As pessoas se esquecem que a História não é só o que aconteceu no passado, mas é o modo como o passado foi vivido, lembrado e a importância que ele teve pra vida das pessoas

depois também daqueles acontecimentos. Então, esses são nomes todos que têm uma importância para a história do movimento negro. Então eu não acho que é assim: "Ah, agora corrije! Onde está escrito 'A', leia-se 'B'". E se a gente acha que a experiência humana, ela é tanto dos acontecimentos quanto da memória dos acontecimentos, as duas coisas são importantes. Então, lidar com o erro de transcrição e saber que, digamos assim, a liderança de Palmares no século XVII, se chamava Aca Inene, isso tem uma importância enorme pra gente entender as características daquelas coisas, quem eram aquelas pessoas, quais eram os valores, como é que elas armavam a vida, a estratégia de resistência diante da situação de escravização e se organizavam politicamente, militarmente. Discutir o papel das mulheres naquela ocasião.

Tiago Rogero: Ah, e a Silvia me explicou que também não dá nem pra ter certeza de que a Aca Inene era a mãe do Gana Zumba porque essas relações de parentesco podem indicar na verdade a relação hierárquica, dentro de uma forma centro-africana de organização do poder. Bom, mas a questão aqui é...

Silvia Hunold Lara: Saber que a Aqualtune ou Acotirene é fruto de um erro de transcrição, mas é um erro de transcrição que teve um impacto no movimento negro, e que ajudou a dar voz e a empoderar mulheres negras ao longo do século XIX, sobretudo do século XX. Não importa se o nome não era aquele do século XVII. Levar isso em conta e tornar esses elementos objeto de reflexão, de aprendizado e colocar essa reflexão e esse aprendizado pra assentar neles direitos, sabe, sociais, políticos, é disso que se trata. É pra isso que a História serve. É pra isso que a gente olha o passado.

Tiago Rogero: É pra isso que a gente olha o passado.

Silvia Hunold Lara: O objetivo não é corrigir, saber quem é que tá mais certo ou não, mas refazer essa história e transformar essa história no nosso ponto de partida pras ações no dia de hoje e pra construção de um futuro que dê lugar às mulheres negras, por exemplo, e ao poder delas. E eu acho que a História é pra isso. Não é pra corrigir erros, é pra

construir um futuro de igualdade e de justiça social que possa resgatar esses saberes lá do passado, aprender com eles e trazer pro nosso presente.

Branca Vianna: Esse foi o Tiago Rogero, gerente de criação da Novelo.

Às vezes o problema não é ter ou não um nome pra alguma coisa. Ou acertar exatamente a ortografia daquele nome. Às vezes o problema é que quando você acerta aquele nome, ele traz um monte de coisas junto. Coisas que você não estava esperando, não estava contando. Mas que agora estão no seu colo.

Um nome nunca é só um nome. A terceira história dessa semana quem conta é a Natália Silva.

ATO 3

Natália Silva: Qual foi a última vez que você descobriu uma coisa nova sobre você mesmo? Algo que mudou o jeito como você se vê? Eu não lembro qual foi a última vez que isso rolou comigo. E talvez seja uma pergunta difícil de responder pra maioria das pessoas. Mas a Thaís lembra.

Thaís Fernandes Vilela: Meu nome é Thaís Fernandes Vilela, Thaís com TH.

Natália Silva: Uns meses atrás, a Thaís – que é nossa ouvinte – escreveu dizendo que queria contar a história de uma coisa que ela demorou 32 anos pra descobrir.

Thaís Fernandes Vilela: Eu fiz uma lista de coisas que eu acho importante falar, porque a pessoa tem esse nível de organização.

Natália Silva: O primeiro item da lista era o motivo de ela ter decidido falar com a gente. A Thaís tinha ouvido a história da Maria Carvalhosa e do Café, o cão-guia dela, em um dos nossos episódios. É só procurar por “Maria e Café” que você vai achar. O pedaço da história da Maria que chamou a atenção da

Thaís foi um em que a Maria tá contando como foi começar a andar com o Café na rua. Antes de ele chegar, ela andava usando uma bengala pra se orientar. Eu podia tentar resumir aqui, mas é melhor eu deixar a própria Maria falar.

Maria Stockler Carvalhosa: E daí passaram dois caras de bicicleta e daí eles deram "bom dia" para mim, e eu não tô conseguindo descrever isso, eu tentei explicar pro George, mas foi um outro tipo de "bom dia". É um tipo de "bom dia" que eu não escuto há muito tempo, assim. É tipo: eles estavam passando com bicicleta deles e eu estava andando aqui, eu e meu cachorro, e nós éramos iguais. Era tipo um "bom dia" no mesmo nível. Não era um bom dia, tipo, "ai, sua graça", "sua fofa", "sua cega", ah, essa coisa. Era tipo "ah, um bom dia, você está vivendo aí sua vida, eu estou vivendo a minha vida", sabe? E daí eu achei incrível.

Thaís Fernandes Vilela: Tanto que quando eu estava ouvindo a história da Maria e do Cachorro, e ela falou que deram bom dia para ela e era um bom dia diferente, eu consegui entender aquilo.

Natália Silva: A Thaís conseguia entender o que a Maria estava falando, porque ela tinha passado pela mesma coisa. Não exatamente pela mesma coisa. Mas ela já tinha sentido a mesma coisa. De ser tratada de um jeito diferente.

Thaís Fernandes Vilela: Bom, vou tentar começar do começo, né? Eu sou de uma família muito simples, eu cresci numa periferia aqui no entorno da Grande Vitória.

Natália Silva: Grande Vitória é a região metropolitana de Vitória, capital do Espírito Santo.

Thaís Fernandes Vilela: Meu pai trabalhava como marinheiro e minha mãe, professora, daquelas que fez magistério, daqueles antigos.

Natália Silva: A Thaís também tem um irmão. E eles são bem diferentes.

Thaís Fernandes Vilela: Então, meu irmão, sabe aquele irmão perfeito que toda família tem? É ele. Inteligente, ele é jornalista, então ele se comunica bem, fala bem, escreve bem, fala inglês, fala espanhol.

Natália Silva: Mas essa não é uma história de rivalidade entre irmãos.

Thaís Fernandes Vilela: Mas a gente sempre, enquanto irmão, teve uma relação boa.

Natália Silva: É o contrário: uma história de cumplicidade. O irmão da Thaís é só dois anos mais novo que ela. Então, eles cresceram juntos. E a Thaís percebeu desde cedo que ela tinha dificuldades que o irmão dela não tinha. Fazer amigos, por exemplo, era bem mais difícil pra ela.

Thaís Fernandes Vilela: Eu realmente não conseguia me encaixar. Eu fazia de tudo para me encaixar nos grupos, na escola, no trabalho, eu era constantemente rejeitada, ninguém me entendia, eu não conseguia entender as pessoas direito. Eu via que o meu comportamento era diferente das outras pessoas.

Natália Silva: E ela era tratada de um jeito diferente. Não só fora de casa – na escola e no trabalho. Mas dentro de casa também.

Thaís Fernandes Vilela: Então, eu não fui a filha que a minha mãe queria que eu fosse. Eu não fui a filha que tinha vários namorados, não fui a filha que tinha vários amigos. Ela cobrava muito isso de mim. “Poxa, você esquisita. Por que você é esquisita? Por que você não tem amigo? Por que você não sai? Por que você fica dentro de casa”, sabe?

Natália Silva: Esses questionamentos aconteceram a vida toda da Thaís. Tinha traços da personalidade dela que claramente incomodavam a mãe.

Thaís Fernandes Vilela: Desde criança... A minha mãe às vezes ficava bolada, porque eu tinha horário para brincar. Aí ela vinha: “Não, porque agora a gente tem que tomar banho”. “Não, mãe, tá no meu horário de brincar. Como assim? Toma banho agora? Não é hora de tomar banho”.

Natália Silva: E essa rigidez da Thaís com a rotina, a falta de amigos, de namorados, de vida social, tudo pesava. Pra piorar, as duas tinham uma dificuldade imensa de se comunicar.

Thaís Fernandes Vilela: Eu lembro, por exemplo, eu tinha sempre uma dificuldade de seguir ordem se a ordem não está muito clara, se a pessoa não explica exatamente o que ela quer que eu faça. Então, às vezes, minha mãe pedia para eu fazer uma coisa e aquilo me paralisava, porque eu ficava pensando: "Tá, como é que começa? Pra onde vai o que que eu tenho exatamente que fazer?" Eram coisas simples. "Aí, pega um ovo e põe aqui." Eu pegava o ovo e colocava, só que não era colocar o ovo, era quebrar o ovo, mas ela não tinha falado que tinha que quebrar o ovo e eu não conseguia entender isso.

Natália Silva: E a mãe dela não disfarçava a frustração. As palavras que ela usava pra descrever a Thaís não eram as que a gente quer ouvir da nossa mãe.

Thaís Fernandes Vilela: Eu sempre fui tratada assim: "Ah ela é devagarzinha, ela é lerdinha, ela é meio burrinha". Dsse jeito.

Natália Silva: Quando uma figura tão central na sua vida diz isso sobre você, fica difícil não levar a sério. A Thaís começou a se perguntar o que tinha de errado com ela.

Thaís Fernandes Vilela: Então, eu tentei várias vezes obter algum diagnóstico, porque eu sabia que alguma coisa diferente, tinha alguma coisa errada. Eu pensei que pudesse ser depressão, eu pensei que pudesse ser um transtorno bipolar, tinha que ter um motivo para aquilo, sabe? Tinha que ter uma razão para eu ser desse jeito que não fosse eu ser um alien, não fosse eu ser tão estragada que eu não servia.

Natália Silva: Mas além das coisas que incomodavam a mãe dela, tinham coisas que faziam a própria Thaís se sentir esquisita. Por exemplo, coisas que ela detestava e não conseguia nem entender o motivo. Tipo:

Thaís Fernandes Vilela: Luz demais incomoda, barulho demais incomoda, cheiro forte incomoda. E a comida, dependendo da cara da comida, não vai, não vai, não vai, não vai, não vai.

Natália Silva: Ou mesmo coisas que pareciam tranquilas para outras pessoas, mas pra ela não.

Thaís Fernandes Vilela: Atravessar uma rua, difícil. Dirigir, não consigo.

Natália Silva: Pode parecer uma coisa pequena, mas imagina não conseguir atravessar a rua.

Thaís Fernandes Vilela: Eu tenho muito medo, porque realmente esse negócio de distância a velocidade é difícil, então eu tenho que esperar fechar o sinal, às vezes as pessoas ficam irritadas: "Por que você não atravessou?", "Atravessa logo, o carro está longe". Eu não sei se vai dar tempo, sabe, meu cérebro não entende.

Natália Silva: Foram anos assim. Convivendo com essa irritação da mãe, dos amigos, ouvindo que ela era estranha. E a Thaís não achava uma explicação pra tudo aquilo. Até que aconteceu com ela uma coisa que talvez já tenha acontecido com você. Ela se viu em outra pessoa. Viu alguém passando pela mesma coisa que ela. Um dia, a Thaís estava em casa e ouviu a mãe dela falando sobre uma prima dela. A Gabriela. Mas parecia que a mãe estava falando dela, a Thaís.

Thaís Fernandes Vilela: Minha mãe falando dela exatamente como ela falava de mim. "Ai, a Gabi é lerdinha. Ah, a Gabi é meio burrinha. Ai, a Gabi ela não consegue fazer as coisas direito, né?" Quando eu vi a minha família tratando ela como eles me tratavam, eu percebi: tem alguma coisa entre nós duas em comum.

Natália Silva: Essa coisa em comum talvez fosse a resposta que a Thaís estava procurando. E a Gabriela tinha um diagnóstico. Não era depressão, não era ansiedade. Não era burrice, não era lerdice. Mas era uma palavra que às vezes assusta. A Gabriela é autista. E a Thaís sempre tinha se dado bem com essa prima.

Thaís Fernandes Vilela: Então, se ela precisava ficar na casa de alguém, "Não quero ficar na casa da minha prima Thaís". E gosta de mim, a gente tem uma relação, a gente conversa.

Natália Silva: Apesar da diferença de idade grande entre a Thaís e a Gabriela, elas pareciam se entender, de algum jeito. E o diagnóstico da Gabriela acendeu uma coisa na Thaís. Ela até começou a ler sobre autismo, mas não foi imediatamente atrás do diagnóstico pra ela. Demorou um pouco.

Thaís Fernandes Vilela: Começou quando eu fui morar sozinha. Porque eu vi ali a oportunidade, falei: "É agora, não tem ninguém fiscalizando, não tem ninguém contando os meus passos, porque a minha família é muito xereta. Agora eu vou correr atrás realmente de tentar saber se eu sou autista, se não sou autista". Porque até aquele momento, eu tinha uma suspeita muito grande por causa de todo o processo de pesquisa que eu tinha feito, né?

Natália Silva: A Thaís leu listas e mais listas de sinais. E eles batiam com o que ela sentiu a vida toda. E ela foi encontrando mais gente parecida com ela. Uma dessas pessoas, um rapaz, ajudou a Thaís a achar uma médica especializada nesse tipo de condição. Porque o autismo não é uma doença, tá? É uma condição neurológica. A nomenclatura mais atual, aliás, nem é autismo, é transtorno do espectro autista, porque é um conjunto de comportamentos que se manifestam em diferentes intensidades, e não uma coisa uniforme. Dentro do espectro existem tipos de sinais, e uma pessoa pode ter muitos sinais de um tipo e nenhum de outro. Por exemplo, ser zero sociável, mas ter muitas habilidades pra matemática. Ou ser um pouco mais sociável, mas ter muita dificuldade de regular emoções. Não tem um padrão. Clinicamente, pessoas do espectro autista são divididas em três níveis de suporte, de acordo com o quanto de ajuda que elas precisam pra serem funcionais. E olha só: o maior nível de suicídio é entre autistas de níveis leves, ou seja, de nível um de suporte, justamente porque eles sofrem mais com esse limbo na vida funcional. O autismo é uma neurodiversidade sobre a qual a gente entende muito mais agora do a alguns anos atrás, mas ainda assim a gente entende pouco.

Thaís Fernandes Vilela: Eu tinha tentado outros profissionais na área de psicologia e era sempre um diagnóstico que batia na trave. Ah, você é ansiosa, você é deprimida.

Natália Silva: Então a Thaís entrou em contato com a psicóloga que tinham recomendado pra ela.

Thaís Fernandes Vilela: E aí a gente começou todo o processo de entrevista, de anamnese, de falar com o membro da família, que foi o meu irmão, porque, que que acontece? Como eu fui diagnosticada

tardiamente, muita coisa se perdeu. Muita coisa eu mascarei, muita coisa eu me adaptei.

Natália Silva: A psicóloga precisava conversar com alguém que tivesse visto a Thaís sem a máscara. E que tivesse convivido com ela desde pequena, porque o diagnóstico do autismo passa por comportamentos que podem se apresentar desde a infância.

Thaís Fernandes Vilela: Ai, foi uns três meses assim a gente fazendo. Ela começou conversando comigo, igual você tá fazendo. "Ah, por que você acha que sou autista? Vamos lá, me conta sua vida". Aí eu fui passando para ela. Aí depois ela começou a investigar mais a fundo as características da minha família, porque o autismo o mais correto é que seja uma questão genética.

Natália Silva: As causas do autismo ainda não foram 100% decifradas pela ciência, mas já se sabe que os genes podem ter um papel importante. Então a psicóloga perguntou tanto pra Thaís quanto pro irmão dela sobre outras pessoas da família. Se tinha mais alguém que pudesse estar no espectro do autismo. E, sim, tinha a prima dela. Mas não só.

Thaís Fernandes Vilela: E a minha prima é por parte de pai.

Natália Silva: O pai da Thaís. Até essa hora da nossa conversa, ela só tinha falado que ele era marinheiro. Mas ela não tinha contado um detalhe bem importante pra história.

Thaís Fernandes Vilela: Todo mundo sempre falou também "nossa, você parece muito com o seu pai no jeito, né?"

Natália Silva: Ela não se dava bem com a mãe, lembra? Mas a relação com o pai...

Thaís Fernandes Vilela: Sempre foi melhor. É, porque a gente se conectava, a gente tinha entendimento, a gente conseguia ficar horas quietinho os dois ali de boa, sem falar, só aproveitando o silêncio.

Natália Silva: Já o irmão dela é mais parecido com a mãe.

Thaís Fernandes Vilela: Minha mãe e meu irmão, não. Lá para cá, e fazendo coisa, e liga som e liga a luz, e vê TV, e dã dã dã, aquela loucura.

Natália Silva: O que era um pesadelo pra ela e pro pai dela.

Thaís Fernandes Vilela: Um pesadelo para mim e para ele, é.

Natália Silva: Depois das entrevistas todas, de ter falado com a Thaís, com o irmão, de investigar a família, a infância...

Thaís Fernandes Vilela: Até o dia que a doutora me chamou, foi em outubro de 2020, me lembro como se fosse hoje: eu sentei na frente do computador, ela aí do outro lado, ela falou: "É, Thais, eu tenho uma notícia pra você. Você realmente é autista".

Natália Silva: Aos 32 anos, ela finalmente recebeu um diagnóstico. Depois de uma vida inteira tentando se entender. Em partes, o motivo dessa demora tem a ver com o entorno dela.

Thaís Fernandes Vilela: E as pessoas também ao redor não tinham ideia do que estava acontecendo comigo. Eu cresci numa periferia, minha mãe, coitada, não tinha noção do que era autismo, nunca tinha ouvido falar. Nunca passou pela cabeça de ninguém que aquilo podia ser autismo.

Natália Silva: Mas e a prima dela, a Gabriela? A família era a mesma e ela recebeu o diagnóstico aos 15 anos. O que não é super cedo também, considerando que os sintomas aparecem já na infância. Mas é que, talvez, essa diferença no tempo que levou pra Gabriela e pra Thaís saberem que eram autistas tem a ver não com a família delas, mas com uma coisa mais profunda. Com a forma como o próprio autismo foi descoberto e estudado.

Thaís Fernandes Vilela: Isso. Exatamente.

Natália Silva: O primeiro estudo publicado sobre autismo saiu em 1943. O Leo Kanner, que era psiquiatra da universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, descreveu 11 casos de crianças com um desejo profundo por solidão e rotina. Desses 11 casos, 8 eram meninos e só 3 eram meninas. E nos anos

seguintes, essa proporção entre meninas e meninos desequilibrou ainda mais. Então, todo o estudo básico foi feito em meninos.

Tháís Fernandes Vilela: Então, eles percebiam as características autísticas em meninos.

Natália Silva: Foi esse estudo básico que guiou a descrição de autismo que aparece pela primeira vez no DSM – que é o manual em que a Associação Americana de Psiquiatria diagnosticou os tipos de transtornos mentais. O autismo entrou pra lista de transtornos em 1980. Com uma descrição de sinais bem mais limitada do que a de hoje em dia, que levou em conta principalmente os autistas de nível 3, que são aqueles que precisam de mais suporte, e meninos. Só que...

Tháís Fernandes Vilela: As características autísticas em meninos e meninas são diferentes.

Natália Silva: O motivo disso ainda não tá completamente claro pros cientistas, mas fato é que meninas autistas costumam apresentar características mais sutis. Uma das hipóteses é que, como as partes do cérebro responsáveis pelo comportamento social se desenvolvem mais rápido nas meninas, isso pode "suavizar" os sintomas que aparecem na primeira infância. Mas essa diferença no desenvolvimento não é puramente biológica. Tem também uma questão ligada aos tipos de comportamento que são esperados de um menino. E quais são esperados de uma menina.

Tháís Fernandes Vilela: A gente é criada pra ser um ser mais social, pra ser aquela pessoa que se doa, ou pra ser aquela pessoa que ajuda, pra ser aquela pessoa que cuida.

Natália Silva: Isso faz com que muitas meninas e mulheres mascarem as características do autismo. Os homens também fazem isso.

Tháís Fernandes Vilela: Mas a gente faz melhor, que é o que a gente chama de masking, que é mascarar as nossas características autistas para poder se encaixar melhor na sociedade.

Natália Silva: A edição mais recente do DSM, publicada em 2013, já reconhece esses comportamentos mais sutis pro diagnóstico de autismo em mulheres.

Então tem muitas mulheres sendo diagnosticadas tardiamente, como a Thaís, e talvez por isso a prima dela não tenha tido que esperar tanto assim. Quando a Gabriela foi diagnosticada, a lista de sinais de autismo já estava mais atualizada.

Thaís Fernandes Vilela: É um marco. Eu procurei esse agnóstico a vida inteira, estou recebendo ele, e agora que que eu vou fazer com isso?

Natália Silva: Um monte de perguntas passou pela cabeça da Thaís.

Thaís Fernandes Vilela: Como é que isso vai me definir como pessoa? Não vai me definir como pessoa? Como é que isso entra na minha vida agora? Quem vai poder saber dessa informação?

Natália Silva: Tinha uma pessoa que ela tinha certeza que precisava saber. Em nome da cumplicidade.

Thaís Fernandes Vilela: E a primeira pessoa que eu falei foi com meu irmão. Aí liguei pro irmão. Falei: "Olha, realmente, Daniel, eu sou autista", e ele falou: "Ah, isso aí eu tinha certeza".

Natália Silva: Ela contou pro irmão e pro pai, né? Quer dizer, na verdade, isso foi o que eu achei que ela ia dizer.

Thaís Fernandes Vilela: Eu não tive coragem de contar para minha mãe e pro resto da família também não abrir, porque eu tenho muito medo de como eles podem me ver também. E se eles vão aceitar. Essa é a grande questão: eu acho que eles não vão aceitar o diagnóstico.

Natália Silva: Faz dois anos que a Thaís recebeu o diagnóstico de autista. E por mais que pra ela tenha sido superimportante descobrir a palavra que explica um pouco quem ela é, ela já sabia que o diagnóstico não era o que faltava pra que a família dela entendesse ela. Ou o pai dela. A Gabriela, a prima mais nova, tinha o diagnóstico. E isso não salvou ela de ter chamada de lerdinha, de burrinha. O pai da Thaís também tinha uma palavra grudada nele há muitos anos.

Thaís Fernandes Vilela: Nossa, meu pai é meu pai é alcoólatra, ele sempre bebeu e eu creio muito que ele bebia para poder se soltar um

pouco mais, né, da retração dele. E aí minha mãe, a família põe tudo na carta do alcoolismo, "Não, ele é assim porque ele é alcoólatra", mas ninguém vê que ele está sofrendo. Que ele bebe justamente para suportar e não se encaixar no mundo que ele vive.

Natália Silva: Depois do diagnóstico, na verdade, a Thaís começou a achar que a questão não era a falta de palavras pra explicar quem ela é. Era justamente o contrário. Quando ela finalmente achou uma palavra, ela percebeu como isso podia ser perigoso. Como podia virar um rótulo.

Thaís Fernandes Vilela: Eu sou autista, mas eu sou outras coisas além de autista. Eu tenho defeitos, eu tenho qualidades. O autismo só está aí me fazendo funcionar diferente.

Natália Silva: Mas qual é a solução, então? Guardar o diagnóstico pra ela? O silêncio também não estava parecendo um bom caminho.

Thaís Fernandes Vilela: Eu acho que já pensei em falar, mas, na verdade, agora o que eu trabalho é com contenção de danos. Porque se eu chegar a falar assim "autismo", a pessoa vai assustar. Autista, não.

Natália Silva: Já é a segunda vez que eu faço uma autorreferência aqui, mas é que o que Thaís falou me lembrou de outro episódio nosso. Um que chama Menos Pior, onde eu mesma contei uma história sobre redução de danos. Ou contenção de danos, como a Thaís disse. Resumindo muito, isso significa que há estratégias pra deixar coisas ruins menos piores. Foi esse caminho que a Thaís decidiu tomar com o pai dela: de tentar fazer a vida dele ficar um pouco menos difícil agora que ela sabe que talvez ele fosse autista também. Eu tô dizendo talvez, porque como ele não recebeu um diagnóstico, a Thaís trata isso só como uma possibilidade.

Thaís Fernandes Vilela: Que provavelmente é uma pessoa que ou está dentro do espectro ou tá dentro do que a gente chama de fenótipo ampliado, que é a pessoa que não está dentro do espectro, porém carrega algumas características do autismo.

Natália Silva: Uma dessas características deixa a mãe dela bem brava.

Thaís Fernandes Vilela: Fica pistolaça, porque incomoda ela. É uma coisa que eu percebo no neurotípico, que as nossas características incomodam demais. Todo autista tem um negócio chamado stim, que é um movimento involuntário que a gente faz para poder se autorregular.

Natália Silva: Por exemplo, mexer o corpo. Inteiro ou só uma parte.

Thaís Fernandes Vilela: Eu tô aqui falando com você e minha mão está aqui na mesa batendo, o meu pé tá aqui mexendo, né? Ou emitir um som. E eu tinha, eu reprimia muito, mas eu tinha, que era o hábito de ficar cantarolando, né, fazendo "hummmmm", "ahhhh", "hummm", e meu pai faz isso. Meu pai faz isso o tempo todo.

Natália Silva: O tempo todo não é uma força de expressão. O pai dela cantarola pra tudo.

Thaís Fernandes Vilela: Ele explica o que ele vai fazer, que é uma coisa que a gente autista faz. Tudo o que a gente vai fazer, a gente tem que pensar antes em como. Então, eu vou sair de casa, então eu tenho que pensar, "ah, eu tenho que pegar minha bolsa, eu tenho que pegar no celular, eu tenho que abrir, eu tenho que descer escadas." Meu pai fez exatamente isso. E cantarolando. Ele vai tamborilando o dedo na mesa, em todos os móveis da casa, "ah, eu vou comprar pão, vou pegar a bicicleta, vou abrir o portão." É isso o dia inteiro.

Natália Silva: O dia inteiro. Eu vou ter que te confessar que quando a Thaís contou isso, eu senti um pouco de empatia pela mãe dela. Deve realmente ser um pouco irritante alguém cantarolando cada coisa que vai fazer pela casa. Na verdade, deve ser muito irritante. Mas tem muitas coisas incômodas nas outras pessoas, e na gente mesmo que a gente tem que aceitar, porque elas têm uma razão de ser. E a Thaís não queria explicar a causa do stim pra mãe dela. Então o caminho foi dizer qual era a consequência. Ou melhor, explicar como o hábito de cantarolar ajuda o pai dela.

Thaís Fernandes Vilela: "Mãe, olha, o papai ele precisa cantarolar. É o jeito dele se soltar, se sentir melhor, por que você não deixa ele lá cantarolando um pouquinho? Deixa ele quietinho." Aí funciona melhor.

Natália Silva: Quem, em sã consciência, vai se incomodar com uma coisa que outra pessoa faz pra poder viver melhor? Uma coisa que não faz mal a ninguém.

Thaís Fernandes Vilela: No trabalho também, a luz está muito forte, então, às vezes eu apago a luz para trabalhar. Aí meu chefe passava e ficava assim: "Acende essa luz, você vai trabalhar no escuro", aí eu comecei: "Não, é porque meu olho fica cansado, a vista fica cansada, é muita luz, olha só, eu consigo trabalhar aqui com a porta aberta, fica com a luzinha mais baixa." Agora, esses dias eu entrei na sala dele e ele tava com a luz apagada. Então eu vou meio que comendo pelas beiradinhas, ajeitando uma coisa aqui, ajustando uma coisa ali para tentar melhorar a relação. Porque se eu chegar e soltar essa bomba do autismo, que é uma bomba, eu acho que não vai cair bem.

Natália Silva: A Thaís sabia que para as outras pessoas essa palavra podia cair uma bomba. Então, ela começou a agir como se ela estivesse numa situação de guerra fria. Então ela prefere usar a diplomacia pra não ter que soltar a bomba. A guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética só era fria, porque a ideia era que cada lado tinha bombas tão poderosas que elas nunca poderiam ser utilizadas. Os países até podiam estar em guerra, mas no momento em que algum deles soltasse uma bomba nuclear, o mundo ia acabar. Então eles usavam todas as outras armas possíveis – conflitos através de outros países, corrida espacial, sanções, diplomacia – só pra não ter que usar essa arma principal.

E a questão é que o autismo em si não é uma bomba. Nem a palavra é uma bomba. Mas ela virou uma bomba na mão da Thaís porque muitas pessoas têm medo daquilo que elas acham que a palavra significa. Uma diferença intransponível. Uma condenação. É assim que se faz uma palavra ser explosiva.

A Thais estava procurando palavras pra se amparar e se entender. Ela ganhou uma palavra-bomba. E o que ela tem feito desde então é tudo menos usar a palavra. Ela inventou uma saída diplomática. Calculada. Talvez à espera de um momento em que a palavra perca o estopim e vire outra coisa,

porque pra Thaís o diagnóstico de autismo foi como assinar um acordo de paz com ela mesma.

Branca Vianna: Essa foi a Natália Silva, produtora da Rádio Novelo. Obrigada por acompanhar a gente até aqui em mais esse episódio.

Se você tá gostando do Rádio Novelo Apresenta, um jeito excelente de apoiar a gente é dando cinco estrelas no tocador de podcast em que você tá aí ouvindo a gente agora – e também deixando um comentário, compartilhando o episódio por aí.

Não esquece de voltar e ver se você já zerou nosso arquivo de episódios, que já tá ficando grandinho. Pelas nossas contas, já dá pra passar um dia inteiro ouvindo Rádio Novelo Apresenta. Seria um dia meio estranho, mas você ia descobrir um monte de coisa.

Também dá pra ver material extra no nosso site, radionovelo.com.br. Essa semana, tem fotos daqueles manuscritos do século XVII e links pra pesquisas sobre autismo em meninas e mulheres. Se você ainda não fez isso, também recomendo demais assinar a nossa newsletter, que chega toda semana com uma dica de alguém da nossa equipe. A gente tá sempre procurando histórias. E dá pra mandar sua sugestão pro nosso e-mail, que é apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Toda quinta-feira tem episódio novo. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varella, Júlia Matos e Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio – que também é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

A montagem é da Mariana Leão. A Paula Scarpin fez o desenho de som. Nesse episódio, a gente usou música original do Pedro Nêgo e da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é

feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.